

# FHC Presidente no palanque

Na batida que embalou a campanha da reeleição, ninguém deve estranhar se, até o fim do ano, o presidente Fernando Henrique estiver nas ruas, puxando carreatas, distribuindo panfletos, pregando distintivos no peito de eleitores e, se a receptividade popular estimular audácias, convocando comícios.

Em plena campanha. Assumida, ostensiva, em tempo integral. Quando o desembarço suscita reações de espanto, algumas ressalvas justificam a intromissão eleitoral na rotina do Palácio do Planalto com desculpas de fundilhos esburacados do clássico repertório das evasivas.

Pelo que se percebe do lado de fora, Fernando Henrique espera que o entendam e interpretem. Repete a todo instante que a mal-falada máquina administrativa não se envolverá na campanha. Bate no peito para garantir que não abrirá os cofres às barganhas do tipo *leva uma gaita e paga com o voto*. Só um beócio — garantiu, caprichando no adjetivo —, arriscaria a estabilidade econômica na suja mercância do voto.

Não custa fazer um esforço e procurar atender o presidente. Vá lá. Com boa vontade, prevenções à parte. A campanha não começou agora. Desde que a reeleição virou tema obsessivo para as variações de cada dia, Fernando Henrique e cupinchada só pensam, cuidam e agem para abrir caminhos à passagem da procissão do sonho.

Então, o que mudou? Bem medidas e pesadas as coisas, o presidente decidiu retirar a candidatura da redoma e expô-la ao sol e à chuva dos riscos.

No momento, a fina correção tática responde pela novidade. A etapa preliminar da campanha aconselha a concentração da equipe na cabala dos votos para a aprovação da emenda constitucional. Ocorre que o Congresso entrou em férias, dispersou-se pelos municípios para o paparico às bases. Cada um cuida de si, comparecendo aos atos finais da maratona dos candidatos a prefeito e vereador. Os quais, na contramão das gentilezas, asseguram os votos para a renovação dos mandatos dos padrinhos federais.

O intervalo é curto, a eleição está por cinco dias. Mas, a probabilidade do segundo turno em mais de três dezenas de capitais e municípios espicha o recesso até 15 de novembro.

Cálculos e manhas aconselham o presidente a não desperdiçar a desativação do Congresso e ocupar o vazio. Suspensa, por falta de matéria prima, a operação de convencimento dos indecisos e de cooptação do voto dos contrários, escancarou-se, limpa e desimpedida, a cancela para a saída: sair para campo aberto, queimar etapa, criar o fato consumado e conquistar o voto para 98.

Índices consolidados e ascendentes de popularidade dissolvem resistências. A tramitação da emenda da reeleição ganhará velocidade se, na hora certa da primeira rodada de votação, o governo puder exibir pesquisas confiáveis, registrando altos percentuais de aprovação ao presidente-candidato.

Nada se poupa para alcançar o objetivo tático. O portavoz oficial, Sérgio Amaral, confirma e justifica a campanha publicitária a ser detonada nos próximos dias, logo que as urnas começarem a falar, para divulgação dos êxitos e sucessos do Real, da execução de planos em áreas críticas como a educação, a saúde. Enfeitado por pequenas entrevistas elogiosas e depoimentos a favor, a badalação do otimismo mirá a desconfiança na ação do governo na área social.

Em campanha nada se perde, tudo se transforma. A queda dos juro fornece munição para aquecer o entusiasmo empresarial. Para a ligação inaugural de mais uma turbina da hidrelétrica de Tingó, o Planalto convocou governadores da região diretamente favorecida, armou o palco e compôs platéia seleta e adequada. Fernando Henrique deitou e rolou. Improvisou na toada do lançamento de programa. Promessas recauchutadas nos cinco dedos da mão espalmada de 94: estabilidade com a retomada do desenvolvimento, criação de empregos, prioridade para a educação, a saúde, a segurança.

Parceiros certos da reeleição ofertada a todos, com generosa prodigalidade, os governadores entenderam o recado e aplaudiram de pé.

**Índices consolidados e ascendentes de popularidade dissolvem resistências**

27 SET 1996